





A DINÂMICA DA SEXUALIDADE INFANTIL ENTRE A REPRESSÃO ORIGINÁRIA, O INSTINTO (*TRIEB*) E A ECONOMIA LIBIDINAL NA TEORIA FREUDIANA¹

Matheus dos Reis Gomes²

 <https://orcid.org/0000-0002-5534-8886>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2025.5.2.11173>

RESUMO: O artigo investiga a centralidade da sexualidade infantil na constituição psíquica e na estruturação da economia libidinal no modelo freudiano. A tese sustenta que a fragmentação e plasticidade do ‘instinto’ (*Trieb*), articuladas pela ‘repressão originária’ (*Ursprüngliche Verdrängung*), instauram uma lógica do inconsciente baseada na dialética entre desejo e interdição. Rejeita-se a concepção empírico-biológica da sexualidade, privilegiando-se sua função estruturante e metapsicológica. A análise do instinto como força descentralizada, operando por vias desviantes, substituições e condensações, desfaz o paradigma normativo da genitalidade e reinscreve a perversão como operador estrutural do desejo. O fetichismo e a angústia de castração exemplificam a negatividade constitutiva da sexualidade, com a ‘renegação’ (*Verleugnung*) sustentando a duplicidade perceptiva diante da falta. A transição pubertária é concebida como reorganização contínua, não como ruptura, deslocando a diferença sexual da anatomia para o simbólico. A libido mantém sua matriz infantil, reorganizando zonas erógenas sob a égide de uma economia psíquico-somática. Conclui-se que a teoria freudiana inscreve a sexualidade como estrutura fundante do sujeito e da sua economia desejante.

Palavras-chave: Sexualidade infantil. Repressão originária. Instinto. Perversão. Economia libidinal.

THE DYNAMICS OF INFANTILE SEXUALITY BETWEEN PRIMAL REPRESSION, INSTINCT (*TRIEB*), AND LIBIDINAL ECONOMY IN FREUDIAN THEORY

ABSTRACT: This article investigates the centrality of infantile sexuality in the Freudian model of psychic constitution and libidinal economy. The thesis maintains that the fragmentation and plasticity of the ‘instinct’ (*Trieb*), articulated by ‘primal repression’ (*Ursprüngliche Verdrängung*), establish an unconscious logic grounded in the dialectic of desire and prohibition. Rejecting empirical-biological accounts, the analysis emphasizes the metapsychological function of sexuality as structuring principle.

¹ Este trabalho contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Possui bacharelado (2017) em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), especialização (2019) em Ciência da Religião pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP), licenciatura (2022), bacharelado (2023) e mestrado (2024) em Filosofia pela UFJF. Atualmente é doutorando (2024-presente) em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico –Brasil. E-mail: matheusdosreisgomes@gmail.com.





The instinct is construed as a decentered force operating through detours, substitutions, and condensations, dismantling the genital norm and reinscribing perversion not as pathology, but as structural operator of desire. Fetishism and castration anxiety are treated as expressions of the constitutive negativity of sexuality, with ‘disavowal’ (*Verleugnung*) sustaining the perceptual split vis-à-vis the absence of the phallus. Pubertal reorganization is conceived not as rupture but as continuous transformation, displacing sexual difference from anatomy to the symbolic. Libido retains its infantile matrix, reshaping erogenous zones within a psychosomatic economy. The Freudian theory thus inscribes sexuality as foundational structure of subjectivity and its libidinal organization.

Keywords: Infantile sexuality. Primal repression. Instinct. Perversion. Libidinal economy.

INTRODUÇÃO

Buscamos investigar a sexualidade infantil na teoria freudiana, suas implicações na constituição psíquica e na estruturação da economia libidinal, a partir da questão central: como a fragmentação e complexidade da sexualidade infantil fundam a subjetividade e o desejo no sujeito humano?

Para tentarmos responder, a primeira seção discute a sexualidade infantil não como uma fase biológica, mas como estrutura fundante do inconsciente e da economia libidinal, sendo a repressão, especialmente a ‘repressão originária’ (*Ursprüngliche Verdrängung*), o mecanismo central que reorganiza a energia instintual, criando um campo dinâmico de latência. Nesse contexto, o sujeito emerge como efeito de uma dialética entre desejo e interdição, apontando a inadequação dos modelos empíricos e reafirmando a interpretação analítica do psiquismo.

Na segunda seção, apresentamos uma leitura metapsicológica da sexualidade freudiana, considerando o ‘instinto’ (*Trieb*) como força descentrada e plástica, estruturada por desvios, substituições e condensações, que desmonta o paradigma normativo da genitalidade. A sexualidade é, assim, um campo de variação entre instinto e norma, com a perversão proposta por Freud (1942 [1905], GW V)³ não como patologia, mas como operador estrutural do desejo, organizando montagens parciais em uma economia libidinal autônoma, resistente à teleologia reprodutiva. A análise culmina no fetichismo e na angústia de castração,

³ A sigla ‘GW’ refere-se à edição: FREUD, S. *Gesammelte Werke*, herausgegeben von Anna Freud et al., Frankfurt a.M.: S. Fischer Verlag, 1940–1952.

expressões da estrutura negativa da sexualidade, regidas pela ausência e pela interdição do falo, com a ‘renegação’ (*Verleugnung*) no fetichismo sustentando o desejo na duplicidade entre percepção e negação da falta.

A última seção discute a reorganização da sexualidade na puberdade, articulando a transição da fragmentação autoerótica infantil para a integração genital adulta, sem ruptura, mas por meio de reconfigurações das zonas erógenas e da libido. A assimetria sexual, linear no masculino e involutiva no feminino, e a contingência da identidade sexual, sustentada pela plasticidade da ‘glândula da puberdade’ e pela teoria qualiquantitativa da libido, são analisadas. A puberdade preserva a sexualidade infantil transformada, mantendo o ‘prazer final’ (*Endlust*) e deslocando a diferença sexual do biológico para o psíquico-simbólico, fundamentando a construção dinâmica da identidade libidinal, ancorada em fatores somáticos, instintuais e culturais. Concluímos que, na teoria freudiana, a sexualidade infantil é central na constituição psíquica e na economia libidinal. A repressão originária reorganiza a energia instintual, fundamentando o inconsciente e estabelecendo uma dialética entre desejo e interdição na subjetividade. A revisão das noções de instinto e perversão desmonta o paradigma da genitalidade, mostrando a sexualidade como campo de variação e desvios. A análise da puberdade revela como a transição da libido preserva a sexualidade infantil transformada, reconfigurando zonas erógenas e identidade sexual no plano psíquico-simbólico.

1 SEXUALIDADE INFANTIL E REPRESSÃO ORIGINÁRIA

Freud (1942 [1905], GW V, p. 31) articula, no âmbito da teoria psicanalítica, uma defesa inequívoca da sexualidade infantil, assinalando as dificuldades inerentes à sua legitimação tanto no espaço científico quanto no discurso público. A validade desse constructo teórico se inscreve, *prima facie*, na economia do método psicanalítico, que se fundamenta na ‘recordação’ (*Erinnerung*) e na ‘verificação sempre renovada’ (*immer wieder von neuem wiederholte Prüfung*) (cf. Boroto; Senatore, 2019).⁴ No entanto, Freud (1942 [1905], GW V, p. 31) reconhece a fratura

⁴ Freud (1942 [1905], GW V, p. 31) inscreve a sexualidade infantil no horizonte da teoria psicanalítica mediante um deslocamento crítico da concepção tradicional de sexualidade, a qual, sob a égide da normatividade cultural, permanece restrita ao desenvolvimento puberal e à finalidade reprodutiva. Ocorre que essa restrição não é

epistemológica que separa o saber produzido pela prática clínica da aceitação científica tradicional,⁵ marcada por um paradigma que resiste à integração de categorias oriundas da investigação do inconsciente (cf. Green; Weller, 2012), resistência esta que Freud (1940 [1917], GW XI) já havia destacado de modo incisivo ao afirmar que a noção de sexualidade infantil fora recebida com uma espécie de ‘assombro’ (*Staunen*) pelos seus contemporâneos (Freud, 1940 [1917], GW XI, p. 313). Assim, Freud (1942 [1905], GW V, p. 31, tradução nossa), ao afirmar que “[...] apenas aqueles pesquisadores que possuem paciência e habilidade técnica suficientes para levar a análise até os primeiros anos da infância do paciente poderão confirmar os primeiros sinais da vida sexual humana aqui descritos”,⁶ delimita o horizonte metodológico no qual sua teoria pode ser verificada, situando a psicanálise em um campo de experiência refratário às exigências empíricas convencionais⁷ da ciência médica.

apenas descritiva, mas normativa: estabelece um regime de inteligibilidade que relega ao silêncio ou à negação as manifestações instintivas que, segundo Freud (1942 [1905], GW V), estruturam a experiência psíquica desde os primórdios da vida. Se, por um lado, a psicanálise evidencia a pluralidade das formas de satisfação instintiva na infância, por outro, essa descoberta colide frontalmente com as categorias que organizam o saber médico, pedagógico e moral do período. A infância, enquanto domínio previamente concebido como espaço de inocência e dessexualização, torna-se, a partir da tese freudiana, um território de conflito conceitual, uma vez que a admissão da instintividade infantil implica a desestabilização de fundamentos epistemológicos e normativos arraigados.

⁵ Essa aceitação pode ser compreendida à luz da tensão entre a epistemologia das ciências naturais e a especificidade do saber psicanalítico (cf. Bairaão, 1996). A referência a um paradigma que resiste à incorporação de categorias oriundas da investigação do inconsciente remete à crítica freudiana ao cientificismo positivista, cuja metodologia exclui dimensões subjetivas e inconscientes da constituição do conhecimento. Freud (1942 [1905], GW V, p. 31) evidencia essa fratura epistemológica ao sustentar que a psicanálise, derivada da prática clínica, confronta os pressupostos de uma ciência que demanda verificabilidade estritamente empírica. Essa exigência de verificabilidade, associada ao método experimental e à quantificação, situa a Psicanálise em um limiar epistemológico ambíguo, o que desencadeou, ao longo do século XX, um intenso debate sobre sua cientificidade (cf. Grünbaum, 1984; Ricœur, 1965). Enquanto alguns críticos, como Grünbaum (1984), sustentam que a psicanálise falha em atender aos critérios de falseabilidade popperianos (cf. Popper, 1963), outros, como Ricœur (1965), argumentam que seu estatuto deve ser compreendido no âmbito de uma hermenêutica da subjetividade, deslocando a exigência de validação empírica para um regime interpretativo próprio (cf. Ribeiro, 2020, p. 307-12; Pinto, 2013, p. 234-6).

⁶ “[...] können nur solche Forscher die hier beschriebenen Anfänge des menschlichen Sexuallebens bestätigen, die Geduld und technisches Geschick genug besitzen, um die Analyse bis in die ersten Kindheitsjahre des Patienten vorzutragen” (Freud, 1942 [1905], GW V, p. 31).

⁷ Trata-se, portanto, da determinação do estatuto de validade empírica da psicanálise não a partir do modelo verificacionista-laboratorial, fundado na replicabilidade controlada e na observação direta, mas segundo a configuração própria da experiência analítica, acessível unicamente por meio do dizer do sujeito e da escuta interpretante do analista. O saber que daí se extrai não é pré-disponível nem cumulativo, mas constitui-se *a posteriori*, na retroatividade da ‘memoração’ (*Erinnerung*), nos efeitos da transferência e no surgimento



A resistência epistemológica à sexualidade infantil se enraíza, segundo Freud (1942 [1905], GW V, p. 31), em uma dupla limitação: (i) de um lado, a estrutura pragmática da prática médica tradicional, orientada pela exigência de intervenções rápidas e soluções sintomáticas; (ii) de outro, a posição daqueles que, alheios à clínica psicanalítica, não possuem os instrumentos necessários para apreender o movimento subterrâneo das formações do inconsciente. Essa ausência de acesso direto à materialidade da experiência analítica pode gerar uma distorção interpretativa, na medida em que as inferências sobre a teoria psicanalítica são, frequentemente, mediadas por preconceitos que interditam a possibilidade de um juízo rigoroso (Cooper, 1993, p. 95-101). A 'limitação epistêmica' se evidencia na hipótese freudiana de que, se fosse possível apreender diretamente, por mera observação empírica, os processos psíquicos da infância, a mediação psicanalítica não se faria necessária. Consoante essa linha, Freud (1940 [1917], GW XI, p. 340) sustenta que o desenvolvimento da sexualidade infantil escapa à observação empírica imediata, sendo acessível apenas pela via interpretativa da análise, o que sublinha a especificidade metodológica do inconsciente como objeto clínico. Nesse ponto, Freud (1942 [1905], GW V, p. 31) estabelece um princípio importante: o conhecimento do inconsciente não pode ser reduzido a uma contemplação fenomenológica imediata, mas surge de uma práxis interpretativa que só se realiza no tempo dilatado da análise, onde se descortinam as camadas latentes da sexualidade infantil.

A impossibilidade de uma apreensão direta da sexualidade infantil, tal como diagnosticada por Freud (1942 [1905], GW V, p. 31), não se reduz a uma falha perceptiva, mas remete a uma organização específica do saber psicológico que, ao se manter alheia ao método psicanalítico, perpetua uma cisão entre a superfície empírica da infância e sua densidade psíquica latente. Essa epistemologia da exterioridade contribui para a manutenção da ilusão de que a infância constituiria uma etapa ontológica descontínua em relação à vida adulta, reforçando modelos explicativos que priorizam fatores biológicos ou genéticos em detrimento da historicidade singular do sujeito. É nesse ponto que a crítica freudiana adquire densidade teórica, *i.e.*, ao confrontar a negligência sistemática do infantil na arquitetura da vida psíquica,

regressivo de conteúdos infantis, dispositivos que se furtam aos critérios empiristas de mensuração, previsibilidade e constatação sensível.

Freud (1942 [1905], GW V, p. 73) desloca o eixo da investigação para os mecanismos inconscientes que, como a repressão originária, fundam a própria possibilidade de constituição subjetiva.⁸ A articulação conceitual proposta encontra ressonância em desenvolvimentos ulteriores, especialmente quando formula a tese da organização psíquica precoce da libido, cuja configuração infantil não é superada, mas transformada ao longo das reorganizações sucessivas da sexualidade (cf. Freud, 1940 [1917], GW XI, p. 343).

Freud (1942 [1905], GW V, p. 73) critica a negligência do fator infantil no desenvolvimento psíquico, rejeitando a suposição equivocada de uma descontinuidade radical entre a infância e a vida adulta. A tradição psicológica,⁹ ao privilegiar a hereditariedade em detrimento da história psíquica individual, obscurece a influência decisiva da sexualidade infantil na constituição subjetiva, *i.e.*, a reflexão freudiana acerca da “herança” na constituição psíquica inscreve-se em uma tensão entre o reconhecimento de sua eficácia etiológica e a recusa de seu estatuto como fundamento necessário, pois, à medida que seu pensamento se adensa, desloca-se o vetor explicativo para a historicidade da infância, na qual a inscrição do sujeito se dá como marca de uma experiência originária e irredutivelmente singular (Silva; Souza, 2015, p. 91). Esse deslocamento é reiterado em desenvolvimentos posteriores, nos quais Freud (1940 [1917], GW XI, p. 341) enfatiza a estruturação progressiva da sexualidade, recusando o determinismo hereditário como núcleo explicativo do conflito psíquico e reiterando a centralidade dos processos de constituição libidinal infantil.

Na análise freudiana da ‘amnésia infantil’ (*Infantile Amnesie*), não se trata de uma simples falha da memória, como suporia uma abordagem empirista da recordação, mas da operação de uma ‘cena originária’ (*Urszene*)¹⁰ que está reprimida e que inaugura a própria

⁸ Sobre a temática da subjetividade, cf. ALMEIDA, Daniela Lima de; AIRES, Suely. Urgência subjetiva, tempo lógico e sintoma: perspectivas psicanalíticas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 319–343, mai./ago. 2023.

⁹ A tradição psicológica do século XIX, influenciada pelo positivismo e pela teoria da hereditariedade de Galton (cf. Del Cont, 2008), enfatizava os fatores biológicos na explicação do comportamento humano, relegando a segundo plano a história psíquica individual. Freud (1942 [1905], GW V), ao propor a teoria da sexualidade infantil, rompe com essa perspectiva ao demonstrar que as experiências vividas na infância, especialmente aquelas relacionadas à sexualidade, desempenham um papel central na constituição subjetiva.

¹⁰ A noção de ‘cena originária’ (*Urszene*), introduzida por Freud (1943 [19010], GW VIII p. 129-97) em *Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci* [Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci], remete a uma construção fantasmática retroativa que organiza os elementos dispersos da experiência infantil em torno de um núcleo de

economia do inconsciente. Freud (1942 [1905], GW V, p. 73) indica que o esquecimento da infância não remete a uma ausência de traços mnêmicos, mas ao efeito de uma repressão originária, pertencente ao modelo que se encontra na amnésia histórica, com a qual estabelece uma homologia estrutural. Consequentemente, o apagamento das vivências infantis, longe de indicar um *déficit*, constitui-se como índice da fundação traumática da vida psíquica (Freud, 1920, GW XIV, p. 367).

O reconhecimento desse mecanismo inaugural permite entrever, já nos primórdios do desenvolvimento, a gênese da censura psíquica, *i.e.*, o advento de uma instância que, ao mesmo tempo que barra, constitui. O sujeito irrompe, assim, como produto de uma dialética entre o desejo e sua interdição, sendo a infância o campo originário dessa tensão constitutiva (Freud, 1942 [1905], GW V, p. 76). Não se deve concebê-la como um momento de espontaneidade instintiva ou de irrupção caótica do instinto, mas como o terreno sobre o qual se inscreve, sob a forma da ‘repressão’ (*Verdrängung*), a estrutura mesma do inconsciente (Freud, 1924, GW XVII, p. 159).

Por conseguinte, Freud (1942 [1905], GW V, p. 76-77) vincula a amnésia infantil à repressão, deslocando-a de uma simples deficiência mnésica para um mecanismo estrutural da economia psíquica. A amnésia infantil não implica um esquecimento absoluto, mas a manutenção em latência das inscrições mnemônicas da sexualidade infantil. Boroto e Senatore (2019, p. 1354) indicam que os traços da infância permanecem no psiquismo, sustentando a relação do sujeito com sua própria história. Nesse sentido, a infância opera como um núcleo psíquico em atividade contínua, as quais apresentam determinações que se fazem presentes na economia do desejo. Costa (2016, p. 200) assinala que o esquecimento e

sentido traumático, geralmente associado à cena do coito parental. Não se trata de um conteúdo representacional empiricamente vivido, mas de uma montagem significativa que estrutura o campo da sexualidade infantil e sustenta a constituição do inconsciente. Já a *ursprüngliche Verdrängung* [repressão originária], desenvolvida por Freud (1946 [1915], GW X) em *Das Unbewußte [O inconsciente]*, refere-se a uma operação repressiva inaugural, que não visa reprimir uma representação já consciente, mas que impede desde o início que certos representantes instintuais acedam à consciência. Essa repressão originária funda o campo do inconsciente e condiciona a possibilidade de toda repressão posterior (Freud, 1946 [1915], GW X, p. 263-322). Ambas as noções, ‘cena originária’ e ‘repressão originária’, apontam para a gênese não empírica, mas estrutural, da subjetividade inconsciente, articulando o registro do traumático, da representação e da exclusão psíquica primária.

a fantasia integram a constituição do aparelho psíquico, de modo que a repressão que instaura a amnésia infantil coincide com a resistência à formulação da sexualidade infantil como princípio da vida instintual. Freud (1942 [1905], GW V, p. 77) propõe que, longe de ser um obstáculo, essa amnésia constitui a chave para compreender a gênese do desejo e a formação do inconsciente. Entretanto, é importante observar que, em textos como *Das ökonomische Problem des Masochismus* [O problema econômico do masoquismo] (Freud, 1942 [1924], GW XVII, p. 159-170), houve a continuidade de uma demonstração da complexidade de mecanismos como a repressão e a constituição de núcleos psíquicos de latência, preparando o terreno para o entendimento da amnésia infantil como um fenômeno multifacetado que vai além do simples esquecimento.

A latência, nesse registro, não interrompe o fluxo instintivo, contudo o reorganiza sob o imperativo da repressão originária, instaurando um trabalho psíquico ativo que internaliza defesas como o nojo, a vergonha e o ideal do *Ego*. Freud (1942 [1905], GW V, p. 77) enfatiza que a descontinuidade aparente no desenvolvimento da libido infantil decorre da ação da repressão, o qual, longe de eliminar o instinto, a reinscreve em formações substitutivas. A sublimação, conforme Freud (1942 [1905], GW V, p. 79) indica, constitui um dos destinos possíveis do desejo reprimido, desviando sua energia para fins socialmente valorizados e culturalmente produtivos. Entretanto, essa reorganização nunca alcança uma estabilidade plena, dado que os retornos institucionais, os sintomas e os efeitos da resistência à normatividade educacional revelam a permanência da sexualidade infantil como eixo estruturante da subjetividade. Assim, a repressão, ao mesmo tempo que institui a possibilidade de vida civilizada, conserva no inconsciente a força insistente do desejo, de que o trabalho de retorno atesta a eficácia duradoura da repressão primária. Freud (1940 [1917], GW XI, p. 339) sustenta que esse processo é uma reorganização da libido, que não elimina os instintos; não obstante, os redireciona, e que a sublimação é um dos mecanismos pelos quais essa reorganização ocorre.

A continuidade lógica do argumento freudiano conduz à análise das formas pelas quais a sexualidade infantil se manifesta no corpo e se estrutura como experiência libidinal autônoma, considerando que a sexualidade não se reduz a uma função orgânica subordinada

ao crescimento infantil, pois seu desdobramento implica o 'Eros' e o 'investimento libidinal' (Sparano, 2017, p. 11). Ora, para Freud (1942 [1905], GW V, p. 80-4), o instinto, desde seus primórdios, escapa a uma determinação biológica unívoca, não se subordinando à finalidade orgânica da reprodução. Ao contrário, inscreve-se como errância, e nesse caso, errância instintual, descentrada, marcada por deslocamentos, substituições e por uma economia do prazer que se institui na dissociação entre necessidade e satisfação. A sucção, inicialmente vinculada à função alimentar, por exemplo, emancipa-se progressivamente de sua origem biológica, constituindo-se como experiência erógena em que a boca, enquanto zona erógena, converte-se em sede autônoma de excitação (Freud, 1917 [1916], GW XI, p. 339-63).

A constituição da sexualidade feminina, segundo o modelo psicanalítico freudiano, implica uma dupla substituição, tanto da (i) zona erógena quanto do (ii) objeto de investimento. O desenvolvimento da menina demanda, nesse sentido, o abandono da posição fálica, correlata a uma identificação primeira com a mãe, em favor de uma nova economia libidinal orientada pelo pai (Silveira, 2021 p. 19). Essa transformação, mais complexa que a constituição da masculinidade, inscreve-se em um campo prévio de excitações autoeróticas, no qual a satisfação não supõe ainda um objeto externo, mas opera sobre a base de uma excitação psíquica que se investe originariamente em si mesma. A dissociação entre função nutricional e prazer oral inaugura uma espécie de clivagem constitutiva da sexualidade infantil, produzindo zonas erógenas suplementares e fragmentárias que impedem qualquer concepção teleológica ou unitária do instinto. Nesse registro descontínuo, a substituição de objeto e de zona erógena que marca a passagem da menina à mulher só pode ocorrer como efeito de um trabalho regressivo-repetitivo, atravessado pela falta. A passagem do autoerotismo à alteridade, da satisfação sem objeto à constituição de um objeto sexual, é mediada por essa experiência de perda originária, que funda a dialética entre presença e ausência. A criança não busca no outro um prazer imediato, mas a recobertura de um gozo primevo, estruturalmente perdido. É essa negatividade constitutiva que inaugura o desejo como figuração da ausência, antecipando a lógica da vida instintual adulta. Assim, a sexualidade infantil não se esgota nas manifestações empíricas do prazer corporal; antes, constitui-se como o campo de emergência

do sujeito do desejo, atravessado por clivagens, repressões e substituições (Freud, 1917 [1916], GW XI, p. 350).

A compreensão freudiana da sexualidade infantil, em sua complexidade estrutural, impõe a necessidade de um deslocamento contínuo nas zonas e objetos de prazer, um movimento que reflete a elasticidade e a adaptabilidade do instinto. Em vez de se limitar a uma fixação estrutural, o prazer se dispersa ao longo de um campo mais amplo de excitações e identificações que operam sob a pressão de uma lógica negativa de perda e falta. Esse deslocamento, mediado pela repressão e pela metonímia, não apenas redistribui a energia libidinal, como também redefine as condições de satisfação. A passagem da sexualidade primária e autoerótica para uma forma de desejo estruturada pela alteridade não é linear, mas envolve uma reorganização do campo libidinal, em que a dinâmica do prazer perde sua conexão com o imediatismo anatômico e se reorganiza sob novas formas, moldadas pelos processos inconscientes. A meta sexual surge, a partir disso, como um vetor de transformação da energia libidinal; a mobilidade contínua dessa energia resulta da interseção entre as exigências do desejo e as limitações impostas pela repressão.¹¹

Freud (1942 [1905], GW V, p. 83-4) propõe, com reserva, a especificidade qualitativa da sensação de prazer, deslocando-a da determinação anatômica para a relação entre estímulo e recepção subjetiva. Nas neuroses, a repressão das zonas genitais primárias instaura a redistribuição da energia libidinal, investindo zonas corporais marginais enquanto zonas erógenas substitutivas. Nesse processo, é possível destacar que se atesta a plasticidade do instinto sob o constrangimento dos interditos. A repressão não extingue a libido, mas reorienta sua economia, evidenciando o caráter histórico da excitação corporal, modulada inconscientemente. A meta sexual¹² da sexualidade infantil configura-se, logo, como

¹¹ Freud (1917 [1916], GW XI, p. 339-63) discute a evolução da libido e as organizações sexuais, destacando a transição da sexualidade infantil para formas mais complexas de desejo. Além disso, em *Meine Ansichten über die Rolle der Sexualität in der Ätiologie der Neurosen* [Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses] (1905), Freud (1940, GW V, p. 74-82) explora a importância da sexualidade na etiologia das neuroses, enfatizando a dinâmica da libido e sua relação com a repressão.

¹² 'Meta sexual' (*Sexualziel*) designa, em Freud (1942 [1905], GW V, p. 77-8), a configuração final visada pela atividade sexual, distinta da mera obtenção do prazer imediato. No contexto da sexualidade infantil, a meta não se orienta primariamente à função genital reprodutiva, mas realiza-se em atividades parciais, deslocadas e substitutivas, cuja fixação e transformação constituem o núcleo da organização libidinal primária.



mobilidade incessante da necessidade de satisfação; as formas sintomáticas dessa mobilidade emergem da transformação e deslocamento dos investimentos libidinais (Freud, 1942 [1905], GW V, p. 85; Freud, 1940, GW V, p. 74-82).

A dinâmica libidinal freudiana, ao ser reconfigurada pela repressão, abre caminho para uma reorganização da energia psíquica, a qual se manifesta na substituição das zonas erógenas primárias por áreas corporais marginais. Esse deslocamento não é apenas uma redistribuição funcional; pelo contrário, constitui um movimento histórico que carrega consigo o caráter da evolução psicosssexual. As modificações na organização do prazer e do desejo infantil são, portanto, marcas dessa reorientação, refletindo as tensões entre as manifestações instintivas e as limitações impostas pela repressão. À medida que o sujeito atravessa essas transformações, a sexualidade infantil se desvela em um processo fragmentado, onde diferentes formas de prazer e desejo coexistem sem coesão, e onde a busca de satisfação se torna um campo de experiências dinâmicas e de rearranjos psíquicos que prepararão o terreno para a complexidade da sexualidade adulta. Esse movimento contínuo, e por vezes contraditório, da libido, coloca em evidência a importância das fases iniciais do desenvolvimento sexual na constituição do sujeito; as interações e deslocamentos libidinais desse sujeito serão fundamentais na organização futura de seu desejo (Freud, 1917 [1916], GW XI, p. 339-63).

A psicanálise freudiana, ao examinar a sexualidade infantil, reconfigura de forma radical as categorias de desejo, prazer e identidade, localizando-as dentro de uma temporalidade ontogênica que se desvela a partir de processos regressivos e progressivos (cf. Carone, 2009). Diante disso, é possível destacar que Freud (1942 [1905], GW V, p. 98) sublinha duas características centrais da sexualidade infantil, sua 'essência' autoerótica e a desarticulação das diversas formas de prazer, as quais operam de maneira independente, sem qualquer conexão entre si. Essa fragmentação do desejo pode ser compreendida como um retorno a um estado primitivo, no qual os instintos ainda não estão organizados sob uma função reprodutiva, mas se orientam para a busca do prazer de maneira dispersa e isolada. Nesse contexto, Freud (1942 [1905], GW V, p. 98) interpreta que a sexualidade infantil, com suas organizações parciais e incompletas, serve como base para uma compreensão do

desenvolvimento psicosssexual, o qual se realiza por meio de etapas sucessivas e interdependentes (Freud, 1940 [1916], GW XI, p. 313-38).

Em primeiro plano, torna-se imprescindível considerar o conceito de autoerotismo enquanto princípio organizador da sexualidade infantil. Nesse estágio, a criança investe seu próprio corpo como objeto de prazer, *i.e.*, a sexualidade está centrada no próprio organismo e nos fluxos de sensações que dele emanam, sem depender de um objeto externo. Freud (1917 [1916], GW XI, p. 339) descreve que a obtenção de prazer não se articula em torno de uma meta sexual que envolva outra pessoa, mas, ao contrário, refere-se a um estágio primordial no qual o prazer é extraído da própria corporalidade. Essa dinâmica, assim, está distante da lógica reprodutiva, uma vez que os impulsos não visam à reprodução, mas à satisfação autoerótica, ainda que separada da estrutura sexual adulta. A fase sádico-anal, por sua vez, articula o princípio de antagonismo que começa a se configurar na sexualidade infantil, mas ainda sob uma polaridade não sexualizada. Nesse estágio, o prazer se organiza através da musculatura corporal, envolvendo movimentos de domínio, posse e controle, que, posteriormente, distinguirão-se nas formas mais complexas do desejo sexual adulto. Freud (1924, GW XVII, p. 159), ao destacar que a polaridade ativa-passiva, e não a masculina-feminina, rege essas primeiras fases da sexualidade, sublinha a pré-existência de um erotismo que não é mediado pela lógica de gênero, mas por forças dinâmicas de poder e controle. Em ambas as fases descritas, o objeto sexual permanece fragmentado, disperso entre os diferentes instintos parciais que não se articulam na unidade da sexualidade adulta. O objeto erótico, que Freud (1942 [1905], GW V, p. 99) descreve como autônomo e isolado, ilumina o processo de constituição do sujeito psíquico e suas relações com o mundo externo.

A configuração desses ‘objetos’ (*cf.* Murta e Silvio Junior, 2021, p. 116), seja na ingestão ou na dominância, estabelece as primeiras conexões entre os instintos e o mundo, prefigurando o desenvolvimento de uma estrutura psíquica que, mais tarde, poderá articular as zonas erógenas de maneira coesa e orientada para um objeto sexual estável. A teoria de Freud (1942 [1905], GW V, p. 129-130) sobre a escolha objetal propõe uma continuidade entre a sexualidade infantil e a adulta, sugerindo que a libido se estrutura a partir de traços mnêmicos originados na relação parental. O desejo não surge de forma autônoma; portanto, é moldado

por uma matriz psíquica primitiva, sendo a escolha do objeto intimamente ligada à configuração inicial da libido. O interdito materno, expresso na resistência à substituição do objeto infantil, se mantém como uma força reguladora da sexualidade, ainda que deslocada ao longo do desenvolvimento. O ciúme e a rivalidade parental não desaparecem, mas se reeditam nas relações adultas. A configuração familiar exerce uma influência decisiva na escolha do objeto e na predisposição ao sofrimento psíquico, demonstrando que a sexualidade é modelada por inscrições precoces, e não é uma força espontânea e livre de determinações.

2 AS PERVERSÕES E A PLASTICIDADE DA SEXUALIDADE

A partir da formulação freudiana presente nos *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* [Três ensaios sobre a teoria da sexualidade], a sexualidade é articulada como uma espécie de ‘instinto’ (*Trieb*),¹³ dotada de uma natureza dinâmica e multifacetada. Ou seja, Freud (1942 [1905], GW V, p. 31) estabelece uma analogia estrutural entre o ‘instinto sexual’ (*Geschlechtstrieb*) e o ‘instinto de nutrição’ (*Nahrungstrieb*), apontando para a existência de uma necessidade vital inalienável no ser humano. No entanto, ao contrário da fome, a libido não se limita a uma função biológica essencial, no sentido constitutivo de possuir uma ‘essência’ (*Wesen*), mas se manifesta em um espectro psíquico que se inscreve no campo simbólico, *i.e.*, “não sendo [a libido] uma referência empírica objetiva” (Fulgencio, 2002, p. 101). Esta dimensão não-biológica do *Trieb* já se insinua, de maneira enfática, em Freud (1941 [1938], GW XVII, p. 81), quando este assinala que o instinto sexual é parcialmente independente de sua meta biológica e pode descolar-se completamente da função de reprodução.

¹³ Como argumenta Simanke (2014, p. 91-3), o emprego de *Trieb* era amplamente difundido na literatura biológica de língua alemã, sobretudo anterior à consolidação do behaviorismo e da psicanálise como discursos concorrentes. Nesse contexto, a escolha terminológica de Freud revela-se mais vinculada a critérios estilísticos e à sua preferência lexical por germanismos do que a uma recusa sistemática das categorias naturalistas. Ademais, a crítica freudiana à normatividade médica que reduz a sexualidade à função reprodutiva não compromete, em si, a referência a uma base biológica para o *Trieb*, base esta que já se apresentava, em certas vertentes da biologia evolucionária, como não estritamente finalista. A filiação de Freud, aponta Simanke (2014), à tradição biológica permanece, assim, complexa e heteróclita, articulando-se ora com o darwinismo, ora com o lamarckismo ou mesmo com elementos da *Naturphilosophie*, sem constituir, todavia, uma adesão unívoca a qualquer dessas doutrinas.

Ao tratar da noção de libido, Freud (1942 [1905], GW V, p. 32-3) chama atenção para o contraste entre a ‘fome’ (*Hunger*) e a ‘sexualidade’ (*Sexualität*), enquanto a primeira é designada por um termo preciso e amplamente reconhecido no uso ordinário da linguagem, *Hunger*, associado a uma necessidade orgânica imediata, a segunda carece de uma expressão equivalente que capte com igual clareza sua natureza e dinâmica específicas. Em contraste, a sexualidade não dispõe de um termo equivalente tão preciso e amplamente reconhecido no uso comum da língua, refletindo, assim, uma distinção fundamental entre os ‘instintos de nutrição’ (*Nahrungstriebe*) e os ‘instintos sexuais’. A sexualidade se apresenta como deslocada e dispersa, sendo sua nomeação submetida à mediação da ciência, que, ao apropriar-se da noção de libido enquanto “noção-chave” da ‘energia instintiva’ (*Triebdruck*), opera uma estratégia conceitual decisiva (Safatle, 2007, p. 155). O termo libido não é neutro, mas serve como um dispositivo simbólico capaz de articular, sem os constrangimentos morais e culturais da linguagem vulgar, as dimensões biológica, psíquica e simbólica da experiência sexual (Freud, 1917 [1916], GW XI, p. 352-3). Neste contexto, a expressão libido se apresenta, então, como um conceito metapsicológico central, alicerçando a compreensão da sexualidade não apenas sob a ótica biológica, mas em suas relações com o desejo e a estrutura psíquica do sujeito (Freud, 1924, GW XVII, p. 167).

No campo dessa articulação, Freud (1942 [1905], GW V, p. 34) propõe um aparato conceitual adicional, distinguindo entre ‘objeto sexual’ (*Sexualobjekt*) e ‘meta sexual’ (*Sexualziel*). A categoria de objeto sexual está imersa na análise do direcionamento do instinto, reconhecendo que a busca por satisfação sexual não se submete a uma norma rígida. Os desvios do objeto, e das metas correspondentes, surgem como manifestações da flexibilidade instintiva, da plasticidade do instinto sexual. A noção de desvios sexuais deixa de ser uma simples catalogação de anomalias, adquirindo um *status* de relevância ontológica: as aberrações sexuais, longe de serem desvios periféricos, constituem uma chave interpretativa para a compreensão do instinto enquanto elemento psíquico, estruturado por variações complexas de natureza psíquica, biológica e cultural. (Freud, 1917 [1916], GW XI, p. 347). Os desvios não são interpretados como estruturas essenciais para o entendimento do desejo e da constituição do sujeito e não como exceções (Freud, 1924, GW XVII, p. 165).



Freud (1942 [1905], GW V, p. 34) se desvia das interpretações naturalistas ou moralizantes da sexualidade, reconhecendo que a norma sexual não possui um caráter absoluto ou essencialista. Pelo contrário, a norma¹⁴ é um construto social e cultural, uma formação que interage com as disposições instintivas. O ‘desvio’ (*Abweichung*), portanto, deve ser analisado como uma diferença em relação ao modelo normativo e como parte constitutiva da própria estrutura da sexualidade humana, revelando a plasticidade e a capacidade do instinto de se manifestar em diferentes formas (Freud, 1917 [1916], GW XI, p. 350). A noção de normatividade, enquanto construção psíquica, resgata a tensão fundamental entre o instinto e os limites impostos pela cultura, processo que se configura como uma articulação dinâmica entre o biológico e o simbólico (Freud, 1924, GW XVII, p. 160).

A reconsideração do desvio como estrutura imanente à sexualidade, e não como infração de uma norma externa, requer uma revisão do conceito de ‘meta sexual’. O instinto, caracterizado por sua capacidade de desvio, variação e substituição, não se limita a um único objetivo genital, nem a uma hierarquia funcional que privilegie certas manifestações como normativas. A noção de ‘desvio’ desloca o foco da sexualidade para a multiplicidade de montagens possíveis entre objeto, fonte e meta do instinto, desmontando o ideal de completude sexual associado à realização genital. Essa reconfiguração permite compreender as formações sexuais ‘intermediárias’ ou ‘parciais’ não como etapas deficientes ou transitórias, mas como expressões legítimas e autônomas de uma economia libidinal com lógicas próprias, não redutíveis à reprodução ou à normatividade social. A transição para um modelo plural de metas sexuais é, portanto, necessária para compreender a complexidade da experiência instintiva.

Freud (1942 [1905], GW V, p. 48-9) critica a normatividade empírica da copulação como critério exclusivo de saúde ou completude sexual, destacando que a união genital,

¹⁴ Cf. Foucault (1976), Butler (1990), Rich (1980), Rubin (1984), Canguilhem (1943), Preciado (2008) e Eribon (1999), cujas elaborações, embora heterogêneas em registro metodológico e filiação disciplinar, convergem na problematização das normas sexuais como dispositivos de produção e inteligibilidade da subjetividade, operadores de regulação diferencial dos corpos e vetores de resistência às formas hegemônicas de inscrição do desejo.

embora funcione como a ‘meta sexual’¹⁵ na sexualidade ‘normal’, na “meta biológica da reprodução” (Simanke, 2014, p. 83), é uma construção cultural derivada da normatização repressiva das formações libidinais intermediárias. Estas últimas, ao se autonomizarem e se fixarem, constituem ‘alvos dos instintos’ (*Triebziele*) provisórios que precedem ou substituem o clímax genital.

Entre a sexualidade normativamente dirigida à cópula e as perversões, Freud (1942 [1905], GW V, p. 49) propõe uma distinção, não como entidades patológicas, mas como persistência ou hipertrofia de momentos intermediários do processo instintual. As perversões derivam da sexualidade infantil e seus destinos instintuais (*cf.* Corrêa, 2005, p. 90). Sob tal perspectiva, Freud (1942 [1905], GW V, p. 49) descreve dois modos de modificação da ‘meta sexual’, o prolongamento das ‘fases preliminares’ (*Verharren*) e a extensão das zonas erógenas a partes do corpo não tradicionalmente sexualizadas. Essas formas indicam que o ‘instinto sexual’ não está vinculado a uma finalidade natural fixa, mas é um campo de variabilidade, com a libido organizada por montagens singulares. Na psicanálise, por exemplo, Perez (2019, p. 105) entende que a sexualidade se estrutura a partir da instauração de uma espécie de “lei simbólica”, que regula o desejo via metáfora paterna. Nas psicoses, a ‘forclusão’ (rejeição) dessa instância impede tal mediação, comprometendo a simbolização do desejo e gerando formas desvinculadas ou desorganizadas de investimento libidinal. O fetichismo exemplifica essa lógica ao deslocar a função genital para objetos parciais, operando uma clivagem entre ‘objeto sexual’ (*Sexualobjekt*) e ‘meta sexual’, preservando o gozo fora do circuito genital. A ‘supervalorização’ (*Überwertung*) do objeto sexual, que suprime sua função biológica em favor da simbólica, não é anomalia, mas expressão da estrutura da sexualidade inconsciente, um campo de substituições, deslocamentos e condensações, resistente a categorias clínicas fixas.

¹⁵ Freud (1942 [1905], GW V, p. 49) reconhece práticas como o olhar e o toque como formações instintuais com valor libidinal autônomo, e não como meros prelúdios à cópula. Essas ‘metas intermediárias’ (*Vorstufen*) têm satisfação própria e são fontes legítimas de prazer na economia sexual. O beijo, por exemplo, é uma ‘meta sexual’ cuja significação erótica não depende exclusivamente da genitalidade, mas adquire sentido em contextos culturais específicos. Essas observações revelam a plasticidade da sexualidade, que, longe de se organizar por finalidades orgânicas, se estrutura por montagens simbólicas e circuitos afetivos.



A análise freudiana das perversões, ao evidenciar sua continuidade estrutural com os destinos do instinto na infância e sua independência relativa em relação à função genital, introduz uma concepção ampliada do campo sexual, no qual a variabilidade das metas e objetos se impõe como traço constitutivo. Nesse horizonte conceitual, o deslocamento da ‘meta sexual’ e a fixação em objetos parciais não configuram acidentes patológicos, mas expressões legítimas da lógica do instinto. Essa lógica, no entanto, não se limita à escolha de zonas erógenas ou à manutenção das fases preliminares, ela implica também a possibilidade de que componentes originalmente auxiliares, como a agressividade, ascendam à posição de elemento nuclear na economia do desejo. De acordo com Gonçalves e Caropreso (2022, p. 231), no período inaugurado pelos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de Freud (1942 [1905], GW V), a agressividade é concebida como um elemento constitutivo da sexualidade masculina dita normal, desempenhando a função de viabilizar o enlace com o objeto sexual. A sexualidade, pensada como montante instintual, comporta a inscrição de elementos não eróticos em sua constituição mesma, o que permite compreender como a violência, o desprazer ou a dominação podem ser integrados ao circuito libidinal sem que isso implique necessariamente uma disfunção. Essa inflexão prepara o campo para a tematização do sadismo e do masoquismo como formações em que o instinto se desdobra dialeticamente entre atividade e passividade, prazer e dor, ultrapassando a simples lógica da satisfação genital para inscrever, no próprio cerne da experiência sexual, uma ambivalência constitutiva entre erotismo e agressão (Freud, 1922, GW XVII, p. 47). A integração desses elementos ao campo libidinal aponta para a complexidade da relação entre instinto de morte (*Todestrieb*) e instinto de vida (*Lebenstrieb*), na medida em que a agressão, longe de ser oposta ao prazer, encontra-se imbricada na dinâmica de desenvolvimento da libido (Freud, 1924, GW XVII, p. 167).

O sadismo, define Freud (1942 [1905], GW V, p. 56), é como uma forma ativa de prazer associada à dor ou humilhação infligida ao outro, revelando a ambivalência fundamental no ‘instinto sexual’. Quando exacerbado e deslocado para a posição primária, o sadismo configura-se como uma ‘perversão’ (*Perversion*), na qual a agressividade, antes subjacente ao desejo sexual, torna-se o objetivo do instinto e um fim em si mesma. Como manifestação patológica do ‘instinto sexual’, o sadismo desloca o desejo, fazendo da violência

e crueldade meios para sua satisfação. O masoquismo, por sua vez, surge como contraparte passiva desse movimento agressivo, invertendo as posições de domínio e submissão, com prazer derivado do sofrimento e da dor infligida por outro. A relação dialética entre sadismo e masoquismo expõe a dinâmica dos ‘instintos sexuais’ (*Geschlechtstriebe*), sendo que a escolha terminológica entre sadismo e algolagnia (prazer pela dor) amplia o conceito freudiano, pois enquanto algolagnia limita-se ao prazer pela dor, o sadismo abrange também humilhação e submissão, expandindo a compreensão das interações de poder e prazer no plano sexual.

Neste ponto, a análise exige um retorno às condições de possibilidade do conceito em questão masoquismo, que pode, segundo Freud (1942 [1905], GW V, p. 57-8), ser entendido como uma inversão do sadismo, um conceito “oposto” (Andrade, 2011, p. 57), em que a agressividade, ao invés de ser dirigida ao outro, é internalizada e dirigida contra o próprio sujeito. O prazer na dor, então, encontra-se estreitamente relacionado ao sentimento de culpa e ao ‘complexo de castração’ (*Kastrationskomplex*), fenômenos que contribuem para a formação dessa dinâmica psíquica.

A questão central do sadismo e do masoquismo reside na maneira como a dor se articula como fonte de prazer. Freud (1942 [1905], GW V, p. 58) argumenta que a dor, por si só, contém a possibilidade de prazer, mas não se limita a uma experiência unidimensional. O fenômeno do prazer derivado da dor não pode ser redutoramente atribuído a um único instinto. A coexistência das tendências sadomasoquistas, tanto ativas quanto passivas, torna-se uma chave para entender a tensão ‘instintiva’ (*triebhaft*) que atravessa a sexualidade humana (Freud, 1924, GW XVII, p. 168). A dor, nesse contexto, deixa de ser uma mera resposta a uma agressão, para ser integrada como um elemento constitutivo na estrutura da libido, refletindo a complexidade da relação entre prazer e sofrimento (Freud, 1922, GW XVII, p. 47).

A oscilação entre prazer e dor nas formações sadomasoquistas reflete uma modalidade fundamental de manejo da ‘excitação instintiva’ (*Triebreiz*), organizada por circuitos de desvio, condensação e substituição, sem se limitar à descarga direta ou à renúncia plena. Freud (1942 [1905], GW V, p. 59) sugere que o prazer derivado da dor envolve um complexo entrelaçamento de representações e investimentos afetivos, que extrapolam a genitalidade, situando-se na lógica da bissexualidade e da ambivalência do ‘instinto sexual’.

Essas formações indicam que o instinto não apenas tolera a clivagem entre metas ativas e passivas, mas gera figuras intermediárias como soluções de compromisso para a tensão psíquica interna (Freud, 1924, GW XVII, p. 167). A defasagem estrutural entre o desenvolvimento psíquico e o sexual, instaurada com a irrupção pubertária dos impulsos sexuais, não apenas constitui o solo das formações representacionais específicas, como também prepara o terreno para a reorganização do investimento libidinal sob a forma sintomática na neurose, evidenciando a continuidade estrutural entre as estratégias de desvio instintual e as configurações clínicas propriamente ditas (*cf.* Casanave, 2008, p. 133).

A neurose, em sua configuração sintomática, constitui para Freud (1942 [1905], GW V, p. 63) uma solução psíquica de compromisso entre o 'instinto sexual' e as forças inibitórias que interditam sua descarga plena. Longe de ser uma disfunção puramente funcional ou adaptativa, a neurose deve ser concebida como uma estrutura que retém, converte e desloca o *quantum* de excitação instintiva sob a forma de sintomas. Essas formações sintomáticas, sobretudo na histeria, não operam como simples efeitos psicossomáticos, mas como traduções deformadas de representações reprimidas, cuja expressão direta encontra-se vedada pela barreira do consciente. A conversão histérica, neste ponto, assume um estatuto de mediação topológica entre representação e corpo, entre afeto e inervação somática, preservando, sob forma deslocada, o investimento do instinto (Freud, 1920, GW XIV, p. 359).

O sintoma, para Freud (1942 [1905], GW V, p. 63), enquanto formação substitutiva, mantém a tensão do conflito originário sob a forma de uma inscrição corporal, cifra condensada de um conteúdo 'reprimido' (*verdrängt*) que continua a exercer pressão sobre o aparato psíquico. A eficácia terapêutica da psicanálise, em Freud (1942 [1905], GW V, p. 63), consiste em restituir a cadeia de representações que culminou no sintoma, desvelando a dinâmica reprimida e reinscrevendo-a sob a lógica da 'supressão' (*Aufhebung*). A 'histeria' (*Hysterie*) aparece, assim, como modalidade paradigmática da neurose, onde a excitação sexual, confrontada com o interdito moral ou simbólico, não se anula, e é desviada para a corporeidade, mecanismo este que torna visível o princípio de equivalência entre neurose e 'perversão'. O neurótico não está excluído da lógica perversa; ao contrário, ele a repete sob a forma invertida e defensiva (Fonseca, 2016, p. 114). No caso da perversão, ela designa o

regime em que o ‘instinto sexual’ se articula em trajetórias parciais, não subordinadas ao eixo reprodutivo nem à coesão genital, instaurando uma lógica própria de deriva e descentramento em relação aos imperativos normativos da sexualidade dita ‘normal’. Nesse sentido, o instinto é, na sua origem, polimorficamente perverso, *i.e.*, suscetível de se investir em zonas e objetos não-genitais, indiferente à normatividade do ato sexual adulto. A neurose apropria-se dessa mesma lógica, mas sob o signo da defesa, produzindo sintomas que funcionam como substitutos e ciframentos da satisfação instintiva interdita (Freud, 1942 [1905], GW V, p. 65-6).

Para Freud (1942 [1905], GW V, p. 65-6), a noção de ‘inversão’ (*Inversion*), particularmente no contexto da histeria masculina, assume relevância diagnóstica e estrutural, evidenciando a orientação instintiva homossexual como um vetor organizador da psique, não um desejo isolado. Esta inversão inconsciente revela a fragilidade da repressão primária e a persistência da bissexualidade originária, configurando uma matriz de ambivalência e duplicidade instintiva. A multiplicidade de zonas investíveis sugere que a sexualidade não se origina no genital, mas nele culmina, quando não é desviada ou ‘reprimida’ (*verdrängt*). Instintos parciais, como o ‘prazer de olhar’ (*Schautrieb*), o ‘instinto de exibição’ (*Zur-Schau-Stellung*) e o ‘instinto de crueldade’ (*Grausamkeitstrieb*), articulam-se nas perversões e neuroses. A ambivalência desses instintos se manifesta nas perversões, nas quais as polaridades ativo/passivo (sadismo/masochismo; voyeurismo/exibicionismo) não se excluem, mas coexistem conflitivamente. O masochismo não nega o sadismo, mas o reflete de forma invertida e interiorizada, como um retorno da agressividade sobre o *Ego*. No inconsciente, os impulsos perversos organizam-se por justaposição e simultaneidade, com a multiplicidade instintiva sendo regra, não exceção (Freud, 1942 [1905], GW V, p. 66-7; Freud, 1924, GW XVII, p. 159-170). A constituição da sexualidade humana, com sua configuração de zonas erógenas múltiplas e a organização instintiva de tais impulsos, encontra respaldo também na análise de Freud (1917 [1916], GW XI, p. 339-363), onde a sexualidade é vista como um processo não linear, de acordo com as diferentes fases do desenvolvimento libidinal. As perversões e os impulsos associados à bissexualidade, na forma de suas manifestações inconscientes, podem

ser articulados dentro de uma estrutura psíquica mais ampla que inclui a análise da libido e das zonas erógenas (Freud, 1917 [1916], GW XI, p. 313-338).

As psiconeuroses, particularmente em sua forma mais grave, tornam manifesta essa coexistência contraditória dos ‘instintos parciais’ (*Partialtriebe*), que não obedecem à lógica diacrônica da maturação, mas a uma estrutura tópica, regida por repressão, deslocamento e condensação. O ‘instinto sexual’, longe de um vetor unívoco, aparece então como campo de forças tensionais, onde tendências antitéticas operam de modo simultâneo, gerando formações substitutivas, *e.g.*, sintomas, fantasias, atos falhos, que remetem à cena primitiva da repressão (Freud, 1942 [1905], GW V, p. 66-7). Com isso, a sexualidade freudiana revela-se como um campo de dissociação constitutiva, em que a unidade subjetiva é sempre posterior, construída sobre o conflito e jamais reconciliada com uma origem pacificada.

2.1 Fetichismo e angústia de castração: *A Cabeça da Medusa* como figura limite da sexualidade

Em Freud (1922 [1941], GW XVII, p. 47), a proposição interpretativa contida no texto *Das Medusenhaupt* [*A cabeça de medusa*] opera uma articulação entre o mito e o trabalho psicanalítico da representação, deslocando o dado mítico para a lógica da repressão e da ameaça de castração. A leitura proposta por Freud (1922 [1941], GW XVII) não visa uma exegese mitológica *lato sensu*, mas sua inscrição na estrutura do fantasma. O que se oferece à análise é a condensação simbólica do horror, *das Grauen*, em um signo específico: a imagem do *Haupt*, a ‘cabeça’ decapitada da Medusa,¹⁶ cuja função representacional se deixa transpor no registro psíquico como figura da castração. O operador central da passagem, decapitar (*Kopfabschneiden*) = castrar (*Kastrieren*), impõe-se menos como metáfora e mais como substituição metonímica, onde o ato de decapitação se apresenta como deslocamento da

¹⁶ Na *Iliada* (XI, v. 36-37), a Górgona é representada no escudo de Agamêmnon como um emblema apotropaico, cujo olhar petrifica. Associada ao ‘Terror’ (Δεῖμος) e ao ‘Pânico’ (Φόβος), a Górgona simboliza um poder visual capaz de paralisar o inimigo, funcionando como uma figura liminar entre o visível e o proibido. Por outro lado, na *Odisseia* (XI, v. 632-635), a Górgona é mencionada de forma indireta, quando Odisseu, ao descer ao Hades, teme a visão da “monstruosa cabeça da Górgona”. Nesse caso, a Górgona é evocada por Homero como uma ameaça espectral e um símbolo do olhar proibido, relacionado à morte e ao além, funcionando como uma figura liminar entre o visível e o inacessível.



ameaça dirigida ao órgão fálico. A decapitação não é símbolo arbitrário, mas configuração visual do efeito de angústia¹⁷ que irrompe no momento em que a criança é confrontada com a ausência do falo na mãe. A equivalência formal entre a cena do mito e o 'horror' (*Schreck*) da castração não é construída sobre a lógica da analogia imagética, mas pela eficácia traumática da percepção. O horror não provém da cabeça da Medusa como objeto externo, mas daquilo que ela torna visível enquanto falta, ausência percebida, lacuna no campo da representação fálica.

Relevante, nesse ponto, é a estrutura que Freud (1922 [1941], GW XVII, p. 47) explicita do trauma e a sua articulação à 'visão' (*Anblick*). O olhar do menino, que até então persistia em manter a crença na universalidade fálica, é capturado por aquilo que contradiz essa suposição imaginária, a configuração do genital feminino, não como presença de um outro órgão, mas como evidência de uma ausência. Para isso, o deslocamento da percepção genital para a imagem decapitada da Medusa revela uma função específica do mito, servir de aparato de substituição para aquilo que não pode ser simbolizado diretamente. A função do mito, nesse caso, não é pedagógica nem especulativa, mas defensiva. Ao invés de funcionar como simples signo externo da ameaça, ela torna visível, de modo condensado, o núcleo mesmo da angústia, não o falo cortado, mas o lugar onde ele nunca esteve (*cf.* Lopes, 2019, p. 30).

Freud (1922 [1941], GW XVII, p. 47) radicaliza a leitura anterior ao introduzir a duplicidade da figura da Medusa, signo da ameaça de castração, mas também mecanismo defensivo contra o desprazer que essa ameaça engendra. A complexidade do símbolo se exprime na ambiguidade estrutural dos elementos que o compõem, notadamente, os cabelos transformados em serpentes. Esses elementos não são acessórios ornamentais, mas deslocamentos instintuais que participam diretamente da economia do 'complexo de castração'. A serpente, em sua configuração fálica, opera como substituto, não metaforiza o falo, mas o repõe ficcionalmente no lugar de sua ausência.

¹⁷ *Cf.* KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de angústia: uma simples elucidação psicológica orientada no sentido do problema dogmático do pecado original*. Trad. Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.

Freud (1922 [1941], GW XVII, p. 47) entende que a repetição do símbolo fálico não reforça o falo, mas denuncia a castração. Trata-se de uma lógica regressiva do signo, cada novo símbolo é índice do que não está ali. A visibilidade do falo substituto não apaga a ausência do falo materno, mas recodifica a ameaça em termos visuais manipuláveis. A petrificação do “olhar” (Hardt Junior, 2023, p. 33), que constitui o núcleo do mito, é lida aqui como transfiguração afetiva, ou seja, o ‘horror’ (*Schreck*) dá lugar à rigidez, que não deve ser compreendida como imobilidade defensiva, mas como efeito somático da excitação.

A interpretação da ‘petrificação’ (*Versteinerung*) como ereção pode inscrever o afeto em uma lógica de autoverificação corporal, uma vez que o sujeito, confrontado com a ausência do falo no Outro, assegura-se da sua própria posse fálica através do endurecimento de seu corpo (Lacan, 1985, p. 199). O corpo torna-se, assim, superfície de inscrição simbólica da integridade narcísica ameaçada. A inscrição da cabeça da Medusa no traje de Atena acrescenta um novo nível de condensação simbólica. A deusa, virgem e inviolável, não é ideal moral ou modelo ético, mas função repressiva da libido (Lopes, 2019, p. 31). Sua invulnerabilidade libidinal não a isenta da lógica do complexo de castração; ao contrário, ela o incorpora como defesa absoluta contra o desejo. Ao portar o signo do genital materno aterrorizante, Atena encarna a interdição radical, figura do desejo reprimido transformado em interdito estruturante.

A economia da angústia que estrutura o mito da Medusa, de acordo com a perspectiva de Freud (1922 [1941], GW XVII, p. 48), desdobra-se em uma dinâmica ritual de exposição, na qual o genital, feminino ou masculino, torna-se signo de defesa, vetor de contra-ataque, superfície de projeção do próprio terror sobre o outro. O gesto apotropaico, ao isolar a imagem do genital de sua carga libidinal e reinscrevê-la como figura de espanto, revela a lógica defensiva operando na forma de um retorno invertido, o que produz angústia, se exibido, pode devolver ao outro essa mesma angústia, como se o signo pudesse ser armado contra aquele que dele recua. No caso da Medusa, o genital feminino, tornado o substituto simbólico pela cabeça decapitada, deixa de operar enquanto fonte de excitação para cristalizar-se em signo do horror. O terror que nele se inscreve, enquanto ausência fálica percebida, é reapresentado, porém agora como signo a ser mobilizado, instrumento contra a ameaça

externa. O que paralisa o olhar pode também proteger. O efeito petrificante do genital materno desloca-se do âmbito interno da constituição psíquica do sujeito para o campo simbólico de suas defesas culturais. O corpo feminino, despojado de sua função libidinal no imaginário masculino, converte-se em figura de retorno do reprimido. A mulher se torna suporte de um signo cujo efeito é desorganizador, a visão do que falta, ou do que é sentido como falta, incute terror no Outro (Freud, 1922 [1941], GW XVII, p. 48).

Há, porém, como é possível perceber em Freud (1922 [1941], GW XVII, p. 48), um segundo regime do mostrar, aquele próprio ao falo. Quando é o pênis que se expõe, o gesto não convoca o horror, mas afirmação. Nesse regime, a angústia é negada pela ostentação, ao mostrar o pênis, real ou substituído, nega-se a possibilidade da castração (Spector, 1996, p. 19). O corpo torna-se superfície de inscrição de um ‘ainda tenho’ em face do ‘já não há’ que o genital feminino evocaria. Dois gestos, dois mecanismos distintos, no primeiro, o terror é devolvido como imagem; no segundo, é negado pela exibição do contrário. Mas esse dualismo de caráter funcional não apaga a unidade conceitual que os liga, do que em ambos os casos, a função do genital não é sexual, mas protetiva (*cf.* Foster, 2003, p. 185-6).

Para sustentar a seriedade dessa interpretação, como adverte o próprio Freud (1922 [1941], GW XVII, p. 48), seria necessário traçar a gênese do símbolo em seu percurso mítico, não apenas no interior da cultura grega, mas em sua circulação intercultural. O símbolo do terror, isolado da excitação, não surge como dado, mas como condensação histórica de significações psíquicas. É a repressão que funda o signo.

À luz da observação freudiana do fetichismo, ele, o fetichismo, delineia-se como formação de compromisso na qual a percepção da ausência fálica é simultaneamente afirmada e negada, instaurando no ego uma clivagem funcional que permite ao sujeito sustentar registros contraditórios sem síntese possível (Poli, 2007, p. 284). O que Freud (1922 [1941], GW XVII, p. 48) formula, sob o signo da ‘renegação’ (*Verleugnung*), é uma lógica defensiva que não é represada, mas desmente, não elimina o conteúdo traumático, mas o mantém à distância por meio de uma negação operativa. O fetiche, nesse registro, não substitui o falo ausente por um objeto equivalente, mas o vela sob um signo deslocado, capaz de sustentar o desejo em sua dissociação da angústia, ao preço de uma cisão subjetiva estrutural.

Essa economia, contudo, não emerge no adulto sem pré-história. O fetichismo inscreve-se como retorno fixado de investigações libidinais infantis que não foram subordinadas à primazia genital, condensando-se em torno de objetos parciais investidos em fases precoces do desenvolvimento. A lógica perversa não rompe com a norma, mas conserva, em formações resistentes à integração edípica, o traço de uma satisfação instintiva fragmentária, anterior à síntese do *Ego*. A função do fetiche, nesse horizonte, é a de testemunhar, na estrutura adulta, a persistência do desejo infantil não recalcado, mas clivado, resistente à simbolização plena da diferença sexual.

A imagem da Medusa condensa, portanto, os elementos centrais da constituição traumática da sexualidade: inscrição da diferença, clivagem do *Ego*, suspensão da excitação e produção de sentido defensivo. A sexualidade, na leitura freudiana, não se configura como economia de alívio, mas como campo de significação, estruturado a partir da impossibilidade de simbolizar plenamente a falta. O que se manifesta n' *A cabeça da Medusa* (Freud, (1922 [1941], GW XVII) é, assim, o modelo de uma sexualidade fundada sobre a negatividade, sexualidade como significação construída sobre o insuportável, estruturada por formações que permitem ao inconsciente sustentar sua cena sob o signo da defesa.

3 A REORGANIZAÇÃO DA SEXUALIDADE NA PUBERDADE

A descrição das transformações da puberdade em Freud (1942 [1905], GW V, p. 108) implica uma reconfiguração substancial da sexualidade infantil, que, inicialmente fragmentária e autoerótica, passa por um processo de reorganização em torno da primazia genital. Nesse movimento, as zonas erógenas que, na infância, estavam dispersas e associadas a diferentes áreas do corpo, convergem para a região genital, que passa a ser o ponto central da libido. A sexualidade infantil, caracterizada por uma expressividade erotizada e não sistemática, cede lugar a uma nova organização psíquica, em que a energia libidinal é canalizada para a satisfação sexual plena, o que Freud (1942 [1905], GW V, p. 108) denomina de 'prazer final'

(*Endlust*).¹⁸ Importante destacar que, ao contrário do que se poderia supor, essa transformação não implica na erradicação da sexualidade infantil; pelo contrário, a sexualidade infantil não é suprimida, mas preservada, sendo que sua função é reorganizada e atribuída a novas formas de expressão psíquica e fisiológica. Assim, o processo puberal não extingue a sexualidade anterior, mas, antes, a reconfigura, integrando-a ao novo estágio de desenvolvimento, no qual a sexualidade se torna mais estruturada e voltada para a satisfação de objetos externos, em vez de se manifestar de maneira autoerótica. Essa transição, portanto, não significa uma ruptura abrupta, mas uma transformação gradual e contínua, que preserva a memória das formas anteriores da sexualidade, ao mesmo tempo em que estabelece novas modalidades de organização libidinal, refletindo a complexidade do desenvolvimento psíquico e sexual no sujeito. Como Freud (1940 [1917], GW XI, p. 324) descreve, a puberdade marca a reorganização da libido, destacando a convergência das zonas erógenas para a região genital, um processo que, longe de suprimir a sexualidade infantil, preserva suas funções e as reconfigura em novas formas psíquicas e fisiológicas.

A diferenciação entre os sexos, conforme Freud (1942 [1905], GW V, p. 112), revela-se em uma estruturação profundamente desigual, onde o desenvolvimento da sexualidade masculina e feminina segue trajetórias distintas, mas igualmente complexas. No caso do homem, observa-se uma integração linear das zonas erógenas, com a função sexual sendo centrada e organizada em torno dos órgãos genitais, estabelecendo uma continuidade entre os estágios infantis e adultos da sexualidade. Em contrapartida, a sexualidade feminina, devido à reorganização mais complexa e menos linear das zonas erógenas, passa por um processo que Freud (1941 [1925], GW XVII, p. 169) descreve como involutivo. Esse movimento não deve, no entanto, ser interpretado como patológico, mas sim como uma reorganização peculiar que apresenta a sexualidade feminina sob uma perspectiva mais ambígua e que, em muitos casos, resiste a uma compreensão direta e imediata. Freud (1941 [1925], GW XVII, p. 169) sugere que o processo de sexualização feminina não segue uma trajetória unidirecional,

¹⁸ Cf. Fernandes (2008), cuja investigação analisa a articulação entre a dimensão do 'prazer' (*Lust*) e o funcionamento significativo no corpus freudiano e lacaniano, sublinhando a importância do prazer como operador estrutural na constituição da experiência psíquica.

mas implica uma reconfiguração que depende de uma série de fatores somáticos e psíquicos, mais complexos do que a linearidade observada na sexualidade masculina.

Dentro desse contexto, o conceito de ‘prazer preliminar’ (*Vorlust*) adquire importância central na teoria freudiana, pois ele remonta ao erotismo infantil, que se preserva ao longo da vida, embora de forma modificada. Esse prazer, caracterizado pela excitação parcial e não culminante, mantém-se ativo, ainda que de maneira residual, no universo da sexualidade adulta, especialmente nas práticas que não conduzem diretamente à satisfação genital plena. A preservação desse tipo de prazer, em contraste com o ‘prazer final’ (*Endlust*), revela-se crucial para a compreensão da dinâmica entre a sexualidade infantil e adulta (Freud, 1940 [1917], GW XI, p. 344). O ‘prazer final’, como Freud (1942 [1905], GW V, p. 112) o define, surge com a puberdade e é o resultado da maturação tanto somática quanto psíquica do indivíduo. Essa maturação permite, então, a organização genital do desejo e a plena satisfação sexual, refletindo a transição de um erotismo fragmentado para uma estrutura sexual mais integrada e capaz de culminar na realização sexual completa. A distinção entre o prazer preliminar e o prazer final, portanto, não se limita a um mero deslocamento de excitação, mas indica uma reorganização fundamental da libido, que fundamenta a construção da sexualidade adulta e a diferenciação psíquica entre os sexos.

O modelo de Freud (1942 [1905], GW V, p. 112) propõe a excitação sexual como um processo contínuo e dinâmico, no qual o erotismo infantil e a sexualidade adulta coexistem, mantendo uma tensão estrutural entre os diferentes momentos do desenvolvimento sexual. Essa continuidade sugere que os impulsos libidinais não se extinguem, mas se transformam e reorganizam ao longo do tempo, sendo mediada por fases psíquicas e fisiológicas distintas. No entanto, essa transição não ocorre de forma linear, mas sim como um processo de reconfiguração contínua das zonas erógenas e da forma como estas se relacionam com a totalidade da personalidade do sujeito, tal como desenvolvido também em *Die Entwicklung der Libido und die sexuellen Organisationen* [O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais] (Freud, 1940 [1917], GW XI, p. 340), onde se entende que as formações da sexualidade infantil e suas direções originárias mantêm-se como estruturas persistentes na constituição da vida sexual adulta, ainda que transpostas a novas articulações funcionais.

A introdução da ‘glândula da puberdade’ (Pubertätsdrüse), conforme Freud (1942 [1905], GW V, p. 113), representa um ponto crucial nesse processo de reorganização. A glândula, simbolicamente ligada à maturação sexual, não apenas desencadeia uma série de mudanças somáticas, mas também evidencia a contingência da identidade sexual, *i.e.*, a formação da identidade sexual depende de uma série de fatores contextuais, biológicos e simbólicos que se interpenetram. A plasticidade do corpo e suas transformações durante a puberdade ilustram a flexibilidade das estruturas psíquicas sexuais, que podem ser reorganizadas à medida que novas forças instintuais emergem, sem necessariamente seguir uma direção predeterminada. A bissexualidade, que antes se apresentava como uma hipótese teórica e especulativa na obra freudiana, encontra neste contexto uma possível fundamentação anatômica (Freud, 1925, GW XVII, p. 165). Freud (1942 [1905], GW V, p. 113) desloca, assim, a fixação dos papéis sexuais da biologia puramente anatômica para uma estruturação simbólica, que envolve tanto a configuração das zonas erógenas como a organização psíquica da libido.

A introdução da ‘glândula da puberdade’ (Freud, 1942 [1905], GW V, p. 113), ao evidenciar a plasticidade do corpo e a contingência da identidade sexual, antecipa a dinâmica mais ampla da libido, conforme descrita por Freud (1940, p. 339-363). A transformação da excitação sexual, inicialmente centrada nos genitais, para uma distribuição mais ampla pelo corpo e pelo *Ego*, reflete um movimento psíquico que ultrapassa as estruturas biológicas, envolvendo uma reorganização da sexualidade em torno de objetos. Nesse contexto, a teoria da libido sublinha a flexibilidade psíquica e a transição da sexualidade autoerótica para a objetual, o que implica uma reestruturação profunda nas dinâmicas psíquicas, desde o investimento de objetos até os distúrbios psicóticos decorrentes de um fechamento entre as diferentes energias psíquicas.

A teoria da libido de Freud (1917 [1916], GW XI, p. 339-340) postula a excitação sexual como uma força psíquica quantitativa e qualitativa, distinta da energia psíquica geral pela sua base química específica. Inicialmente centrada nos genitais, a libido se distribui pelo corpo, e no *Ego*, manifesta-se no investimento de objetos, transição do narcisismo primário para a organização sexual objetual. A libido oscila entre o *Ego* e os objetos, estruturando a

sexualidade e a economia psíquica. A libido objetal, visível em fenômenos como a transferência, retorna ao *Ego*, caracterizando distúrbios psicóticos e regressões psíquicas, dado o fechamento entre a libido do *Ego* e outras energias psíquicas (Freud, 1917 [1916], GW XI, p. 339-40).

Freud (1942 [1905], GW V, p. 121) rejeita a dicotomia essencialista sobre o masculino e o feminino, apontando a puberdade como o ponto de instauração da oposição entre os sexos. Na infância, a sexualidade é fluida, mas a repressão sexual diferencial, mediada pela libido, configura a feminilidade. A distinção entre ativo (masculino) e passivo (feminino) não diz respeito ao sexo biológico, mas a uma lógica instintual comum a ambos os sexos, desafiando a correspondência direta entre anatomia e comportamento libidinal (Freud, 1925, GW XVII, p. 165-166).

Freud (1942 [1905], GW V, p. 121) também destaca que a diferença biológica (espermatozoide/óvulo) não explica as variações psíquicas e sociais, sendo a identidade de gênero uma construção sociocultural que mistura características atribuídas aos sexos. A masculinidade e feminilidade puras não existem na constituição subjetiva, pois o sujeito está imerso em ambivalências (Freud, 1925, GW XVII, p. 165-6), e as relações de atividade e passividade, libido e repressão, são dinâmicas e culturais, não estruturais.

A partir da perspectiva freudiana da constituição das identidades sexuais e da dinâmica instintual (*cf.* Mouammar; Bocca, 2011, p. 447), a teoria da libido introduzida por Freud (1942 [1905], GW V, p. 118) fornece um suporte fundamental para compreender as transições da puberdade. O movimento da libido, inicialmente investido no *Ego* e direcionado ao corpo, ganha complexidade ao se manifestar no investimento de objetos externos (Freud, 1924, GW XVII, p. 159-160). Essa transição é essencial na formação do desejo e na estruturação da economia psíquica, permitindo que o sujeito reordene sua relação com o objeto, ao mesmo tempo em que a libido oscila entre o *Ego* e o objeto, gerando novos investimentos psíquicos. Consoante essa dinâmica, registra-se uma transformação mais ampla no processo civilizatório, a passagem de uma determinação natural, que autorizava a natureza animal a perseguir a realização irrestrita dos desejos sexuais, incluindo impulsos incestuosos e criminosos, para uma determinação psíquica, em que o funcionamento do aparelho psíquico



assume a função de controlar e modular a natureza dos desejos humanos (Santos, 2014, p. 62). É nesse horizonte que a descoberta do objeto sexual, marcando a reativação do instinto sexual e o redirecionamento do desejo para um objeto externo, adquire um papel central na formação do desejo e da identidade libidinal.

A descoberta do objeto, segundo Freud (1942 [1905], GW V, p. 123), insere-se numa economia psíquica onde o desejo se organiza a partir da dialética entre perda e restituição. O desejo primário, originário da experiência do aleitamento, estabelece um movimento contínuo de destituição e reencontro, tendo o seio materno como o primeiro objeto de desejo, síntese da presença e ausência (Freud, 1924, GW XVII, p. 159-160). A ausência do objeto sexual, por sua vez, precipita uma regressão à autoerotismo, mas é justamente pela falta que o desejo adquire uma nova configuração. A descoberta do objeto sexual durante a puberdade não corresponde a uma aquisição inédita, mas a um retorno mediado por deslocamentos e recalques, ativando a instinto sexual e redirecionando o desejo para um objeto externo. A afetividade infantil, embora encoberta, permanece vinculada à excitação das zonas erógenas, dificultando uma separação entre amor e desejo. A angústia infantil, ligada ao medo da ausência, reflete a dependência do sujeito em relação ao objeto e se inscreve na lógica da insatisfação libidinal, onde a impossibilidade de satisfação se traduz em angústia. Assim, a relação entre o *Ego* e o objeto é caracterizada por uma historicidade instintual, com o desejo sendo reativado a cada novo investimento libidinal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da sexualidade infantil na teoria freudiana revela sua função estrutural na constituição psíquica e na organização da economia libidinal. A fragmentação e complexidade da sexualidade infantil não podem ser reduzidas a uma fase biológica, mas devem ser entendidas como um princípio fundante do psiquismo, fundamental na emergência da subjetividade e na organização do desejo. A repressão originária não é um mecanismo periférico, mas o mecanismo central que reorganiza a energia instintual, criando o inconsciente e estabelecendo um campo dinâmico de latência. Nesse processo, o sujeito emerge como efeito de uma dialética entre desejo e interdição, em que a repressão opera como o ponto de



articulação entre o instinto e a normatividade. A sexualidade infantil, portanto, constitui-se como um campo psíquico fundante, desafiando as abordagens empíricas que buscam reduzi-la a uma mera sequência biológica de estágios.

A reinterpretação da sexualidade na teoria freudiana, ao reconsiderar o conceito de instinto, apresenta a sexualidade não como um fenômeno teleológico, mas como um campo de forças dinâmicas e plásticas. O instinto, caracterizado por desvios, substituições e condensações, desmonta o paradigma normativo da genitalidade, e a perversão, ao contrário de ser uma patologia, configura-se como um operador estrutural do desejo. A sexualidade, portanto, é concebida como um campo de variação contínua, em que o desejo é estruturado por uma tensão constante entre a presença e a ausência, a percepção e a negação da falta. A renegação no fetichismo, por exemplo, articula essa estrutura negativa, sustentando o desejo em sua ambiguidade e duplicidade.

A puberdade, ao contrário de constituir uma ruptura com a sexualidade infantil, implica a reconfiguração das zonas erógenas e da libido. A continuidade da libido infantil, transformada na puberdade, é evidenciada pelo prazer final, que desloca a diferença sexual do plano biológico para o psíquico-simbólico. A sexualidade não é uma sucessão linear de estágios biológicos, mas uma construção dinâmica, estruturada pela interação entre fatores instintuais, normas culturais e a contingência psíquica. Assim, a teoria freudiana apresenta uma sexualidade que não se limita ao biológico, mas que é moldada por forças dinâmicas, psíquicas e culturais ao longo de toda a vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniela Lima de; AIRES, Suely. Urgência subjetiva, tempo lógico e sintoma: perspectivas psicanalíticas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 319–343, mai./ago. 2023.
- ANDRADE, Fernando César Bezerra de. A metapsicologia do masoquismo em Freud e Laplanche. *Estudos de Psicanálise*, n. 36, p. 55-68, 2011.
- BAIRRÃO, José F. Miguel H. *O impossível sujeito: implicações do tratamento do inconsciente por Lacan*. 1996. 444f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1583593>. Acesso em: 26 abr. 2025.



- BOROTO, Ivonicleia Gonçalves; SENATORE, Regina Célia Mendes. A sexualidade infantil em destaque: algumas reflexões a partir da perspectiva freudiana. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, p. 1339-1356, 2019.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.
- CANGUILHEM, Georges. *Le normal et le pathologique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1943.
- CARONE, André. O tempo presente. *Revista ArteFilosofia*, v. 4, n. 7, 2009.
- CASANAVE, Carlota Maria Iberty de Lassalle. *As tramas de Mnemosine: a memória nos primórdios da teoria freudiana*. 2008. 176p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- CHAVES, E. Tradução: a cabeça de Medusa (Sigmund Freud, 1940/1922). *Clínica & Cultura*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 91–93, jul./dez. 2013.
- COOPER, Steven H. Interpretive fallibility and the psychoanalytic dialogue. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, v. 41, n. 1, p. 95-126, 1993.
- CORRÊA, Fernanda Silveira. O processo de hominização: Freud interpretando Nietzsche. *Revista de Filosofia Aurora*, [S. l.], v. 17, n. 20, p. 85–98, 2005.
- DEL CONT, Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. *Scientiae Studia*, v. 6, p. 201-218, 2008.
- ERIBON, Didier. *Réflexions sur la question gay*. Paris: Fayard, 1999.
- FERNANDES, Sergio Augusto Franco. Freud, Lacan e Witz: a dimensão do prazer e do significante. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280574>. Acesso em: 28 abr. 2025.
- FONSECA, E. R. Como falar de sexo sem ofender as pessoas? Algumas observações sobre a conferência introdutória à psicanálise *Das menschliche Sexualleben* (1916-1917) à luz da metafísica da sexualidade de Schopenhauer. *Natureza Humana - Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, [S. l.], v. 18, n. 2, 2016.
- FOSTER, Hal. Medusa and the Real. *RES: Anthropology and Aesthetics*, v. 44, n. 1, p. 181-190, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *La volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976. (*Histoire de la sexualité*, v. I)
- FREUD, Sigmund. Abriss der Psychoanalyse (1938 [postum]). In: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. XVII: *Werke aus den Jahren 1937–1939*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1941. p. 73–124.
- FREUD, Sigmund. Charakter und Analerotik (1908). In: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. VII: *Dichtungen und ihre Deutung und andere Schriften (1906–1909)*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1940. p. 173–178.
- FREUD, Sigmund. Das Medusenhaupt (1922). In: _____. *Gesammelte Werke: Werke aus den Jahren 1920–1924*. Bd. XVII. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1941. p. 45–48.
- FREUD, Sigmund. Das Medusenhaupt (1922). In: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. XVII: *Werke aus den Jahren 1920–1924*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1941. p. 45–48.



- FREUD, Sigmund. Das ökonomische Problem des Masochismus (1924). In: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. XVII: *Werke aus den Jahren 1920–1924*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1941. p. 159–170.
- FREUD, Sigmund. Das Unbewußte. In: FREUD, S. *Gesammelte Werke*, Bd. X: *Metapsychologische Schriften* (1915–1917). Frankfurt am Main: S. Fischer, 1946, p. 263–322.
- FREUD, Sigmund. Die Auflösung des Ödipuskomplexes (1924). In: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. XIII: *Jenseits des Lustprinzips, Massenpsychologie und Ich-Analyse und andere Schriften* (1920–1924). Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1946. p. 395–403.
- FREUD, Sigmund. Die Entwicklung der Libido und die sexuellen Organisationen (1917 [1916]). In: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. XI: *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1916–1917). Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1940. p. 339–363.
- FREUD, Sigmund. Die sexuelle Entwicklung des Menschen (1917 [1916]). In: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. XI: *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1916–1917). Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1940. p. 313–338.
- FREUD, Sigmund. Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci In: FREUD, S. *Gesammelte Werke*, Bd. VIII: *Bruchstücke einer Hysterie-Analyse, Leonardo da Vinci und andere Werke* (1909–1913). Frankfurt am Main: S. Fischer, 1943, p. 129–197.
- FREUD, Sigmund. Einige psychische Folgen des anatomischen Geschlechtsunterschieds (1925). In: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. XVII: *Werke aus den Jahren 1920–1924*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1941. p. 165–176.
- FREUD, Sigmund. Hysterische Phantasien und ihre Beziehung zur Bisexualität (1908). In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. VII: *Dichtungen und ihre Deutung und andere Schriften* (1906–1909). Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1940. p. 166–172.
- FREUD, Sigmund. Meine Ansichten über die Rolle der Sexualität in der Ätiologie der Neurosen (1905). In: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. V: *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie und andere Schriften* (1901–1905). Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1940. p. 74–82.
- FREUD, Sigmund. Sexualität in der Ätiologie der Neurosen (1898). In: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. I: *Vorlaufende Schriften* (1887–1899). Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1940. p. 487–493.
- FREUD, Sigmund. Über Aufklärung der Kinder über die Herkunft der Kinder. Ein offener Brief an Dr. M. Fürst (1907). In: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. VII: *Dichtungen und ihre Deutung und andere Schriften* (1906–1909). Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1940. p. 136–144.
- FREUD, Sigmund. Über die Psychogenese eines Falles von weiblicher Homosexualität (1920). In: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. XIV: *Werke aus den Jahren 1917–1920*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1940. p. 356–371.
- FULGENCIO, Leopoldo. A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, v. 5, p. 101–111, 2002.
- GONÇALVES, Fabrício de Siqueira; CAROPRESO, Fátima Siqueira. A agressividade na etapa inicial da teoria freudiana. *Tempo psicanalítico*, v. 54, n. 1, p. 229–254, 2022.
- GREEN, André; WELLER, Andrew. *Key ideas for a contemporary psychoanalysis: Misrecognition and recognition of the unconscious*. Routledge, 2012.



- GRÜNBAUM, Adolf. *The Foundations of Psychoanalysis: A Philosophical Critique*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- HARDT JUNIOR, Orlando. O fármakon de Freud. *Revista brasileira de psicanálise*, São Paulo, v. 57, n. 4, p. 29-36, 2023.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndices de Peter Jones; introdução à edição de 1950 de E. V. Rieu. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de angústia: uma simples elucidação psicológica orientada no sentido do problema dogmático do pecado original*. Trad. Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LACAN, Jacques. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise: livro 2 – O Seminário (1954-1955)*. Trad. Marie Christine Lasnik Penot; com a colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LOPES, Anchyses Jobim. Cabeça de Medusa: de Caravaggio a Freud e Lacan-sobre pintura e psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, n. 51, p. 25-46, 2019.
- MOUAMMAR, Christiane Carrijo Eckhardt; BOCCA, Francisco Verardi. Civilização, sexualidade e entropia no pensamento de Freud. *Revista de Filosofia Aurora*, [S. l.], v. 23, n. 33, p. 441–452, 2011. DOI: 10.7213/rfa.v23i33.1570. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/1570>. Acesso em: 28 abr. 2025.
- MURTA, Claudia Pereira do Carmo; JUNIOR, Jacir Silvio Sanson. Implicações do “Retorno a Freud” proposto por Jacques Lacan, a partir de uma análise do conceito de pulsão. *Eleutheria-Revista do Mestrado Profissional em Filosofia da UFMS*, v. 6, n. Especial, p. 108-130, 2021.
- PEREZ, Daniel Omar. O sexo e a lei em Kant e a ética do desejo em Lacan. *Revista AdVerbum*, v. 4, n. 2, p. 104-112, 2009.
- PINTO, Weiny Cesar Freitas. Filosofia e psicanálise: sobre a interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 229–242, 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/6468>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- POLI, Maria Cristina. A Medusa e o gozo: uma leitura da diferença sexual em psicanálise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 10, p. 279-294, 2007.
- POPPER, Karl. *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge*. London: Routledge & Kegan Paul, 1963.
- PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: sexe, drogue et biopolitique*. Paris: Grasset, 2008.
- RIBEIRO, Caroline Vasconcelos. O conceito freudiano de pulsão e o estatuto epistemológico da psicanálise: o olhar de Heidegger e de Ricoeur. *Voluntas: Revista internacional de filosofia*, v. 11, n. 2, p. 300-327, 2020.
- RICH, Adrienne. *Compulsory heterosexuality and lesbian existence*. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.
- RICCEUR, Paul. *De l'interprétation. Essai sur Freud*, Paris, 1965.



- RUBIN, Gayle. *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality*. In: VANCE, Carole (Ed.). *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1984. p. 267–319.
- SAFATLE, Vladimir. A teoria das pulsões como ontologia negativa. *Discurso*, n. 36, p. 151-192, 2007.
- SAKETOPOULOU, Avgi. The infantile erotic countertransference: The analyst's infantile sexual, ethics, and the role of the psychoanalytic collective. *Psychoanalytic Inquiry*, v. 40, n. 8, p. 659-677, 2020.
- SANTOS, Eder Soares. Determinismo e moralidade na psicanálise de Freud. *Diálogos Possíveis*, v. 13, n. 2, 2014.
- SILVA, Maria Aparecida; SOUZA, Maria de Lourdes; LIMA, Maria Isabel. Considerações psicanalíticas sobre a herança psíquica: uma revisão de literatura. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v. 15, n. 1, p. 45-67, 2015.
- SILVEIRA, Léa. Entre teses e textos: Como o tema da inferioridade da mulher aparece nos ensaios que Freud dedica à sexualidade feminina? *Revista de Filosofia Aurora*, v. 33, n. 58, p. 06-29, 2021.
- SIMANKE, Richard Theisen. O *Trieb* de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. *Scientiae Studia*, v. 12, p. 73-95, 2014.
- SPARANO, Maria Cristina de Távora. *Epistemologia da psicanálise* [recurso eletrônico]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2017. 44 p. Disponível em: <https://acervo.sead.ufes.br/arquivos/epistemologia-da-psicanalise.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- SPECTOR, Jack J. Medusa on the Barricades. *American Imago*, v. 53, n. 1, p. 25-51, 1996.